

LONDRES LITERÁRIA: UM PALCO MUNDI

Lucas da Cunha Zamberlan¹

RESUMO

Este texto propõe um panorama diacrônico acerca da literatura situada na cidade de Londres, desde a Idade Média até a contemporaneidade, com o intuito de compor uma cartografia que confunde o real e o imaginário; a concretude urbana e a fantasia. Para alcançar esse objetivo, até pela largueza do escopo, recorremos a um recorte especialmente marcado pelo entrecruzamento entre o que é definido pelo cânone e os caminhos tortuosos da singularidade pessoal. Nesse diálogo, foi trazida à discussão, uma leitura de *Cidades Invisíveis*, do escritor italiano Ítalo Calvino, além de teóricos como Watt (2010), Bloom (1994), Williams (1984), Eco (1994), Carpeaux (2008), D'Onofrio (2000) e Weise (2017). Como resultado, fica evidente a relevância do espaço da cidade, bem como seu corpo social, como palco plural e multifacetado onde os dramas humanos tomam as mais diversas formas em produtos culturais que determinam a conformação nem sempre definida entre o figurado e o histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Inglesa. Cidade. Londres.

LITERARY LONDON: A WORLD STAGE

ABSTRACT

This paper proposes a diachronic overview of London's literature, from the Middle Ages to contemporary times. The aim is to compose a cartography that confuses the real and the imaginary; urban concreteness and fantasy. To achieve this goal, even due to the breadth of the scope, we resort to a particular approach marked by the intersection between what is defined by the canon and the tortuous paths of personal singularity. In this dialogue, a reading of *Invisible Cities*, by the Italian writer Ítalo Calvino, was brought into discussion, as well as theorists such as Watt (2010), Bloom (1994), Williams (1984), Eco (1994), Carpeaux (2008), D'Onofrio (2000) and Weise (2017). As a result, the relevance of the city's space, as well as society, is evident as a plural and multifaceted stage where human dramas take the most diverse forms in cultural products that determine the not always defined the connection between the figurative and the historical.

KEYWORDS: English Literature. City. London.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre uma pessoa e uma cidade nunca é estabelecida de maneira simples. Muito pelo contrário: repleta de atravessamentos de voga social, estética, histórica e, acima de tudo, subjetiva, esse vínculo muito específico entre ser e coisa é permeado por uma cartografia afetiva que molda os tipos de experiências no espaço urbano. Por isso, quando se visita um lugar, não são exatamente as belezas locais que definem a natureza da conexão entre espaço e sujeito.

Ora, é evidente que esses fatores influenciam a jornada do viajante. Entretanto há algo mais complexo que isso, pois, na bagagem carregada por ele, além de seus pertences, também

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM, participa dos Grupos de Pesquisa Intermídia Estudos sobre a Intermidialidade - UFMG, Literatura e História - UFSM e Estudos da narrativa (hiper)contemporânea, vinculados ao CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5116-3219>. E mail: lucasdacunhazamberlan@gmail.com.

existe a história da sua vida inteira que veio culminar naquele instante, naquele local. Desse modo, como diria Ítalo Calvino, em *As Cidades Invisíveis*, “De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que ela dá às nossas perguntas” (Calvino 2015: 44).

Assim como na vida, nos palcos habitados pelos grandes personagens da Literatura Ocidental, talvez nenhum tenha apresentado melhor os recursos urbanos e o repertório dos sentimentos humanos que a cidade de Londres. Centro de convergência de contradições que liga intrinsecamente a tradição e a modernidade; o culto e o popular; a sofisticação e o despojamento, a capital inglesa remonta, por meio dos seus autores, um cânone particular cuja extensão lírica e narrativa ultrapassa as fronteiras convencionais das regras da arte. Dessa maneira, procuraremos, nesse espaço, mapear historicamente essas incidências literárias para, assim, destacar a potência significativa da convivência compartilhada às margens do rio Tâmisa.

2. UMA LEITURA DAS LEITURAS DA CIDADE

Ao percorrendo caminhos irregulares e tortuosos a partir da Idade Média – nas primeiras novelas de cavalaria do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola redonda – e com *Os Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, a literatura inglesa resplandeceu, já na renascença, com William Shakespeare. Nascido em Stratford-upon-Avon, no condado de Warwickshire, em 1564, o bardo logo tratou-se de se mudar para a capital, colaborando para o desenvolvimento artístico de uma cidade em expressivo crescimento populacional. De acordo com Pevsner (1962: 48), Londres passou de cerca de 50 mil habitantes em 1530 para algo em torno de 225 mil pessoas em 1605, mais ou menos a época que ele preparou a encenação das canônicas *Rei Lear* e *Macbeth*, por exemplo.

Conforme as observações de Otto Maria Carpeaux (2008: 745), Shakespeare tratava-se de um autêntico *playwright*, ou seja, um escritor voltado profissionalmente à dramaturgia e que, assim, buscava harmonizar sua personalidade artística ao gosto popular. Embora tenha iniciado a vida literária compondo poemas líricos, em especial sonetos, o autor logo envolveu-se com o mundo do teatro, tornando-se sócio-colaborador da Companhia *Lord Chamberlain* e do *Globe Theatre*, reconstruído, hoje, às margens do rio Tâmisa, no bairro de Southwark, no sul de Londres.

Foi no *Globe*, espaço de convivência urbana e entretenimento, que Shakespeare encenou obras seminais, como *Rei Lear* (1606) e, principalmente, *Hamlet* (1600). Sucedendo sucessos anteriores como *Romeu e Julieta* (1597) e *Júlio César* (1599), a história da vingança paterna pelo príncipe da Dinamarca é considerada como uma das produções mais completas de todos os tempos. Esse fato favorece, até hoje, efervescentes discussões intelectuais que iluminam diferentes áreas do conhecimento humano, como a filosofia e a psicanálise.

Em outras palavras, Shakespeare cria, nessa peça, o teatro da dúvida. A incessante racionalização (marca da modernidade em ascensão) de Hamlet o impede, muitas vezes, de agir. Salvatore D’Onofrio (2000: 307) denomina a peça, por este traço, como “a tragédia dos conflitos de consciência”, em que a dúvida e a indecisão predominam. No conhecido fragmento “ser ou não ser: eis a questão”, Hamlet enfrenta o dilema entre aceitar os desígnios do destino ou enfrentar a realidade, cogitando a evasão – pela morte, pelo sonho, pela fantasia – como resolução do impasse. Harold Bloom (1994: 60) percebe essa hesitação principalmente pela recorrência insistente de pensamentos da personagem que se voltam para si mesmo, em uma complementaridade de fala e escuta. A partir disso, Hamlet permite-se modificar, criando o que o teórico chamou de “psicologia da mutabilidade”.

No entanto, a história da cidade passa a ser contada, com efeito, a partir do surgimento do romance, já em meados do século XVIII, com os desdobramentos da Revolução Industrial. Em *A ascensão do romance*, o crítico Ian Watt (2010) traça um perfil político, econômico e social da Inglaterra do século XVIII para explicar as relações existentes entre a lógica capitalista e a emergência do gênero. De natureza mais popular, essa nova ordem literária instituiu um discurso urbano que representa de modo mais significativo a vida daqueles que povoam as ruas de uma cidade que, naquele momento, se tornava cada vez mais leitora.

Essa aproximação entre literatura e sociedade, viabilizada por uma literatura realista e aumento da alfabetização, explica o sucesso de *Moll Flandres* (1722), de Daniel Defoe, um dos precursores desse tipo de narrativa. O autor de *Robinson Crusóé* (1719) compreendeu melhor que qualquer outro contemporâneo essa necessidade de vincular a gramática da cidade ao corpo do romance. Ao destacar o leste da capital (zona historicamente pobre que hoje está modernizada com seus grafites e diversas feiras de rua) com seu vibrante acento *cockney*, o escritor criou uma relação indissolúvel entre arte e experiência individual, trazendo para a forma do texto uma atmosfera de cotidiano. Com isso, cada aventura empreendida pela protagonista, dentre roubos, períodos de prostituição, casamentos e exílio, mapeiam os lugares reais onde viviam, fazendo de Defoe o cronista da Londres do século XVIII por excelência.

Esse atravessamento temático na narrativa é garantido pelo encontro entre a popularização da prosa, publicada de maneira na maioria das vezes descartável e o agenciamento de personagens mais referenciais:

Defoe, por outro lado, apresenta meretrizes, piratas, salteadores, ladrões e aventureiros como pessoas comuns, produtos normais do meio em que vivem, vítimas de circunstâncias que qualquer um poderia ter experimentado e que suscitam exatamente os mesmos conflitos morais entre fins e meios com os quais se defrontam outros membros da sociedade (WATT, 2010:101).

O desenvolvimento da narrativa romanesca, em sua plenitude, encontra em Charles Dickens o seu maior expoente. Oriundo do século XIX, Dickens passou uma infância atormentada no bairro de Camden Town. Aos doze anos, o jovem sustentava a sua família, trabalhando em uma fábrica de graxa que se situava onde atualmente é a Estação Ferroviária de Charring Cross. O êxito editorial de seu primeiro trabalho, *As Aventuras do Sr. Pickwick* (1836), quando tinha 24 anos, alçou-o à fama, abrindo caminho para que ele se tornasse o representante literário de uma Londres vitoriana marcada pelo caos urbano e desigualdade social.

Assim nascem, entre outras obras, *Oliver Twist* (1838), que retrata a travessia pessoal de um menino órfão que luta pela sobrevivência na cidade; *David Copperfield* (1850), romance autobiográfico baseado na formação sentimental e subjetiva da personagem; e *Grandes Esperanças* (1861), narrativa-síntese sobre a busca do reconhecimento na sociedade de Londres. Nesse sentido, Phillip Pirip, o Pip, sumariza os impasses de um protagonista dividido entre o triunfo social e a redenção familiar que, por fim, o reconcilia com o seu passado.

Raymond Williams (1984), em *The English Novel from Dickens to Lawrence*, observa a importância da literatura do autor no que diz respeito ao pioneirismo de criar uma obra cujas ações gravitassem em torno do espaço urbano e seus problemas:

a maioria dos romances ingleses anteriores a Dickens está centrada em comunidades rurais, é é porque ele está centrado na cidade – e não apenas em uma cidade, mas em uma metrópole, que ele precisa encontrar forças e bases em uma tradição alternativa: na cultura popular da sociedade urbana industrial² (Williams 1984: 17. Tradução minha).

Ao transfigurar o epicentro geográfico da literatura inglesa, Dickens moderniza, no sentido amplo, as formas de representação, imiscuindo ainda mais os vínculos possíveis entre

² most English novels before Dickens are centred in rural communities and it is because he is centred in the city – and not Only a city but a metropolis – that he has to find strength and basis in na alternative tradition: in popular culture of urban industrial society.

literatura e sociedade. Por isso, no imaginário popular, a Londres que avulta como referência muitas vezes não é a histórica, e sim a do escritor, que colore a realidade em consonância com sua experiência como indivíduo social.

Enquanto isso, na poesia, os românticos procuravam na natureza local uma harmonia entre o universo interior – repleto de sonhos e aspirações – e o mundo. John Keats, por exemplo, escreveu *Ode a um Rouxinol* (1819), um exemplo dessa influência externa na composição emotiva do autor. O poeta vivia em Hampstead, comunidade residencial, no norte de Londres, favorita, há muito, entre escritores, pintores, estudiosos e pessoas famosas. A região abriga, ainda, o Hampstead Heath, um extenso parque cheio de belezas nativas. Foi, pois, sentado sob uma árvore local que Keats ouviu o canto do rouxinol que desencadeou a sua sensibilidade para escrever o longo texto que versa sobre a vida, a morte e o amor, voando sempre “nas asas invisíveis da poesia”.

Em Hampstead existe, hoje, na casa onde morou John Keats, um museu dedicado ao escritor o qual reúne um número bastante diverso de seus artigos pessoais, entre eles, as cartas trocadas entre ele e a noiva Fanny Brawne. O casamento acabou não ocorrendo devido à tuberculose que vitimou o poeta romântico e sua consequente morte prematura aos 25 anos. Nas redondezas, é possível encontrar, também, as habitações onde residiram Katherine Mansfield – autora do belíssimo conto *Bliss* (1923); D. H. Lawrence, dos controversos e eróticos *Mulheres Apaixonadas* (1920) e *O Amante de Lady Chatterley* (1928); e Sigmund Freud, que encontrou abrigo em Hampstead na fase final de sua vida, quando refugiou-se da perseguição nazista pouco antes da Segunda Guerra (atualmente a casa tornou-se um centro cultural dedicado ao cientista. É nele que estão o seu divã, sua biblioteca e variados itens de arqueologia). O pintor John Constable, que também viveu por ali, eternizou muito bem a atmosfera local em *Hampstead Heath with Bathers*, de 1821.

Já na virada do século XIX para o XX, Londres converteu-se na cidade natal de um detetive que se transformaria em um dos ícones da Literatura Policial no mundo inteiro: Sherlock Holmes. Criado por Arthur Conan Doyle e estabelecido na 221B, na Baker Street, em Westminster, Holmes, ao lado do seu companheiro John Watson, percorre os cantos mais sombrios da cidade, resolvendo casos misteriosos que acontecem com pessoas de diferentes classes sociais. A meticulosidade da personagem esquadrinha uma Londres sombria, contemporânea dos crimes de Jack, o estripador, ocorridos em 1888 no distrito de Whitechapel, no *East End*.

De acordo com Weise,

A cidade era bem mais que um simples pano de fundo [...] O contexto, o ambiente, a época em que foi criado revelaram-se essenciais para seu caráter. A realidade intercambiante da cidade e a nova ordem social que surgiram a partir dessas transformações necessitavam de algo melhor para além da polícia ou de um detetive comum. Essa nova modernidade e as ansiedades só poderiam ser entendidas por um grande detetive como Sherlock Holmes. Muitos críticos têm concordado que Sherlock Holmes é o melhor detetive do mundo, ou, pelo menos o mais conhecido. Ele possui um vasto conhecimento de assuntos diferentes, todos essenciais para a sua profissão. Essa vasta gama de conhecimentos permite com que ele compreenda e, dessa forma, saiba como lidar com todos os problemas que se derivam da vida em uma nova realidade urbana (Weise 2017: 13-16. Tradução minha)³.

A estreia de Sherlock se deu justamente no ano anterior, com *Um Estudo em Vermelho* (1887). Na sequência, Conan Doyle lançou *O Signo dos Quatro* (1890), *As Aventuras de Sherlock Holmes* (1892) e *O Cão dos Baskervilles* (1902), compondo o auge da personagem que já recebeu diferentes adaptações para o cinema e televisão, com destaque para a série Sherlock, de Steven Moffat e Mark Gatiss e estrelada por Benedict Cumberbatch e Martin Freeman.

Nessa mesma seara, ao repisar os passos de Doyle, Agatha Christie consolidou-se como um nome indiscutível no Romance Policial em uma Londres que sofria as implicações dos conflitos mundiais. Na nova sintaxe organizacional imposta pelas (re)configurações urbanas, a “Rainha do Crime”, como era chamada, renovou o gênero, criou diferentes diretrizes dedutivas e escreveu mais de oitenta livros que cumpriram, no mínimo, o objetivo inestimável de auxiliar no processo de consolidar a literatura como uma forma de cultura de massa. Da vasta obra deixada pela autora, destacam-se *Assassinato no Expresso do Oriente* (1934), com adaptação recente, *E Não Sobrou Nenhum* (1939) e *O Assassinato de Roger Ackroyd* (1926), sua obra-prima de final absolutamente imprevisível, analisada por Umberto Eco em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* (1994: 33-36).

No que concerne à poesia moderna, responsável por revolucionar a literatura e as artes do século XX, compete, mormente, a T. S. Eliot ocupar um lugar de relevo nessa tentativa de

³ The city was more than just a passive backdrop [...] A character such as Sherlock Holmes could Only have been written in a contexto such as has been described above. The contexto, environment, the time in which he was created were essensial to his character. The changing reality of the city and the social order which had risen out of these changes was in dire need of the services of something better than the police or a common detective. This new modernity and the anxieties it caused, could only be contained and understood by a great “Consulting detective” such as Sherlock Holmes. Many critics have agreed that Sherlock Holmes is the world’s best detective, or at the very least the best known detective. He possesses an extensive knowledge of many diferente subject, all essential to the best execution of his chonsen profession. This vast array of knowledge enables him to understand and thus handle all problems which come with living in such a new urban reality.

capturar as sensações da vida na cidade. Embora nascido nos Estados Unidos – estudou literatura e filosofia em Harvard – Eliot percebeu na Inglaterra o epicentro cultural que melhor se conciliava com sua subjetividade lírica. O poeta lançou, em 1922 (mesmo ano de *Ulysses*, de James Joyce), *The Waste Land*, dando origem à estética do fragmento como aspecto imperioso para a interpretação do substrato contextual do período entreguerras.

The Waste Land (1996: 37-38) compõe um verdadeiro cenário de decadência, uma terra desolada, como sugere o título. Na época, Eliot trabalhava no Banco Lloyds, encravado na City Londrina, principal centro financeiro da Europa que demarca o núcleo da cidade. Sem conseguir produzir sentido em um mundo traumatizado pelo conflito mundial, o longo poema, popular pelos versos “Abril é o mais cruel dos meses” e “Junto às águas do Léman sentei-me e chorei...” sublinha a tentativa da manutenção das relações interpessoais apesar das perdas. A estrofe dedicada mais precisamente a Londres – a Cidade Irreal – traduz com precisão esse esforço e fecha com uma intertextualidade extraída das *Flores do Mal* (1857), de Charles Baudelaire:

Cidade Irreal
Sob a fulva fumaça de uma aurora invernal
Uma turba fluía pela London Bridge, tantos,
E eu não pensara que a morte desfizera tantos.
Suspiros breves e infrequentes se soltavam,
E cada qual fixava os olhos frente aos pés.
Fluía colina acima e descia a King William Street,
Até onde Saint Mary Woolnoth dava as horas
Com um dobre grave no toque final das nove.
Ali eu vi alguém que eu conhecia: “Stetson!
Tu que estavas comigo nas naves de Mylae!
E o cadáver que plantaste no jardim um ano atrás,
Já não brotou? E este ano, vai florir?
Ou a geada súbita perturbou-lhe o leito?
Ah, ponha o cão, esse amigo do homem, longe dali,
Ou virá de novo com as unhas a cavoucá-lo!
Tu! Hypocrite lecteur! – mon semblable, – mon frère!”

A partir de um diálogo irônico, o sujeito lírico interage com um antigo companheiro de guerra. Um tanto quanto acostumados à morte e sobretudo ao absurdo da experiência traumática, ambos travam uma conversa sem sentido, na qual a perda torna-se mais um elemento do cotidiano, apenas uma forma de cumprir uma conveniência social. E o leitor, espécie de cúmplice daquele momento, assume o papel de observador distante e passivo. Talvez por isso, a passagem de Baudelaire que ao considerar o leitor um hipócrita, assume um caráter de irmandade ao do escritor.

T. S. Eliot é autor, outrossim, de *Livro do velho Gambá sobre Gatos Travessos* (1939), leitura obrigatória para quem é afeiçoado por felinos. Denominado, por vezes, somente de *Os*

Gatos, o volume traz um conjunto de textos que Eliot foi escrevendo, ao longo dos anos 1930, em cartas para os seus afilhados. Ele serviu de base, além disso, para o famoso musical *Cats*, idealizado por Andrew Lloyd Webber, que brilha até hoje nos teatros do *West End*, onde agrupa-se a cena dramaturgicamente da cidade.

No mesmo *West End*, pouco mais ao norte, fica *Bloomsbury*, distrito marcado pelo ambiente acadêmico e intercâmbio de conhecimento literário. Pelas suas redondezas circulam professores universitários que dividem seu tempo entre instituições de ensino, bibliotecas, escolas de atuação e, claro, *pubs* ancestrais com cheiro de livros velhos e de *tweed*. É o berço, inclusive, do Museu de Charles Dickens e do Museu Britânico, que desde o século XVIII congrega toda sorte de objetos responsáveis por contar a história da humanidade.

Esse lugar também reserva um fecundo diálogo entre cidade e escrita: o nascimento do Grupo de Bloomsbury, um dos mais influentes círculos intelectivos do século XX. Formado por nomes como a escritora Virgínia Woolf, seu esposo e editor Leonard Woolf, o economista John Maynard Keynes, o escritor E. M. Forster, o pintor Roger Fry e o casal multitarefa Vanessa Bell e Clive Bell, eles compuseram obras que redimensionaram decisivamente a economia, o comportamento, a crítica de arte, o feminismo, a sexualidade e, evidentemente, a literatura. Virginia Woolf, autora de *Mrs. Dalloway* (1925) e *As Ondas* (1931), se consagraria, com o passar dos anos, como uma das pioneiras do fluxo de consciência, técnica narrativa que permite dar vazão às camadas mais profundas do pensamento das personagens.

Woolf deixou, também, um livro bem mais específico sobre a sua cidade: *Cenas Londrinas*, conjunto de textos que expõem sua percepção do entrecruzamento entre o velho e o novo; ou, parodiando Eliot (1996: 35), entre a “memória e o desejo” de uma terra um tanto devastada. Do novo, ressalta-se o capítulo “Maré da Oxford Street”, no qual ela destaca, ao abordar o movimento da rua mais comercial da cidade, que “a mera ideia da idade, da solidez, da permanência através dos séculos é detestável para Oxford Street” (Woolf 2017 :31).

Na visão do turista – talvez o que mais o atraia, à primeira vista, seja essa imposição vertiginosa da modernidade. Em 1926, o escritor brasileiro Antônio Alcântara Machado, depois de uma passagem pela Europa, publicou o livro *Pathé-Baby*, crônica de viagens que emulam, pela linguagem verbal, um filme mudo próprio do período. No fragmento “Londres”, parado diante do imenso painel luminoso de Picadilly Circus, o narrador descreve:

Os anúncios luminosos, galgando os prédios, policromos, despencando dos últimos andares, travessos, rodando, piscando, ágeis, desaparecendo à direita, surgindo à esquerda, subindo, descendo, indo, vindo, LEARN LANGUAGES AT BERLITZ!, MAZAWANTTEE TEA, DO YOU COMPOSE?.

BOVRIL, MONICO, põe na tela desigual da multidão que não para pinceladas de Léger e Delaunay, vermelhas, azuis e verdes, depois de novo verdes, azuis e vermelhas.

A National Gallery estende a fachada encarvoada (MACHADO, 2002, p. 77- 78, grifos do autor).

O excerto revela, em suas particularidades, um casamento entre a prosa do escritor modernista e as vanguardas experimentais do início do século passado. Ao comparar os anúncios com a pintura de Léger e Delaunay, Alcântara Machado demonstra estar habituado a arte de vanguarda e a relaciona com as novidades de seu tempo. No painel multiforme, as cores alternam-se em vermelho, azul e verde e as palavras movimentam-se, causando o dinamismo procurado constantemente pelos futuristas, por exemplo.

Nesse mesmo sentido, há também toda uma composição descritiva elaborada com verbos no gerúndio que enfatizam o ritmo das letras no painel. As expressões “galgando”, “despencando”, “rodando”, “piscando”, “desaparecendo”, “subindo”, “descendo”, “indo”, “vindo” acompanham a velocidade com que palavras se deslocam de forma caótica. Outrossim, é interessante notar como a atenção destinada ao luminoso contrasta com a menção extremamente breve à encarvoada e cinzenta National Gallery, museu situado na Trafalgar Square, em Westminster, no centro de Londres, que reúne uma parcela significativa da história da arte no Ocidente.

No entanto, observa-se claramente que a novidade mecânica aguça mais a sensibilidade do artista que o local que guarda uma parte significativa da história da arte. Essa postura tipicamente moderna e pouco convencional remete aos postulados de Benjamin, que, ao avaliar a relação entre Baudelaire, a pintura tradicional e os encantos urbanos, afirma: “para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo” (BENJAMIN, 2000, 35).

Já na literatura contemporânea, não faltam nomes para exemplificar a associação entre arte e espaço urbano. Desde George Orwell (1903 – 1950), Somerset Maugham (1874 – 1965), Graham Greene (1904 – 1991), Anthony Burgess (1917 – 1993), passando por J. R. R. Tolkien (1892 – 1973) até Ian McEwan (1948), muitos foram os que exploraram os conflitos do homem, da mulher e, acima de tudo, da própria narrativa.

Desses artistas, John Le Carré eleva-se como uma voz original capaz de trazer para a literatura as tensões aparentemente invisíveis da Guerra Fria. De sua inventividade narrativa, nasceu George Smiley, professor de literatura alemã recrutado como espião pelo MI5, serviço secreto inglês. Uma espécie de James Bond às avessas, destituído de qualquer poder de sedução

e enganado pela esposa, Smiley encarna o gênio comum, aquele que não apresenta atrativos ou mesmo excentricidades.

A trilogia Smiley Vs Karla (*Thinker, Tailor, Soldier, Spy* (1974), *Sempre um Colegial* (1977) e *A Vingança de Smiley* (1979)) consagra o duelo silencioso entre o Ocidente e o bloco soviético após Karla, agente russo, infiltrar um espião duplo no alto escalão do MI6. Smiley é o típico cidadão inglês. Acompanhar seus passos cruzando o Tâmis, usando as cabines telefônicas vermelhas, pegando *cabs* quadrados e bebendo *ales* em temperatura ambiente é uma forma também de frequentar a cidade junto com ele.

Cabe, quem sabe, a J. K. Rowling um capítulo à parte nesse relicário literário. Após passar por uma depressão, a escritora reordenou seus traumas com a elaboração do maior fenômeno literário que se tem registro. A sequência *Harry Potter* (1997 – 2007), que compreende sete romances, trabalha com um universo de fantasia que concorre em paralelo com a Londres real. Para pegar o Expresso Hogwarts, os bruxos devem passar pela plataforma 9 $\frac{3}{4}$ na Estação de King's Cross para chegar à escola de magia. Com o intuito de celebrar essa interação ficção-realidade, foi colocado um carrinho de transportar bagagem, pela metade, na parede. A ação leva, cotidianamente, centenas de pessoas à Estação, renovando o hábito da leitura a cada nova geração.

Ademais, ninguém melhor que Beth O'Leary para discutir as situações da vida moderna em uma grande metrópole. Herdeira literária de Jojo Moyes e Marian Keys – gigantes do *romcom* – a escritora tem sido bastante elogiada por seus livros, sobretudo por *Um Teto para Dois* (2019). De enredo abertamente cinematográfico, o romance, que se passa em Brixton e Stockwell, presta tributo às produções do gênero, como o filme *Um lugar chamado Nothing Hill* (quem não lembra a cena de Hugh Grant caminhando pelas quatro estações da Portobello Road) e da saga amorosa de Bridget Jones, vizinha, na versão cinematográfica, do Borough Market, um dos maiores e mais antigos mercados de alimentos da cidade.

Um Teto para Dois se debruça sobre trágica vida de Tiffy. Sem dinheiro e precisando morar perto do trabalho, ela começa a dividir a casa com Leon, um enfermeiro de doentes terminais. Entretanto, com um detalhe: ambos nunca se encontraram, embora compartilhem a mesma cama. Ele a usa durante o dia e ela à noite. As consequências disso são um tanto previsíveis, mas divertidas de todo modo.

Enfim, se, conforme Calvino, de uma cidade aproveitamos a resposta que ela oferece às nossas perguntas, com o amparo da literatura, seguramente saberemos formulá-las sabiamente. Assim, por mais diversas que sejam essas respostas para cada um de nós, teremos, com certeza

uma garantia: se essa cidade for Londres, por onde quer que andarmos, jamais estaremos sozinhos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer panorama crítico acerca da literatura que utilize as ruas de Londres como espaço realiza *per se* dois caminhos. *Primo*, da especificidade que somente a Inglaterra, com sua história e cultura podem oferecer: abordar Londres significa incorrer em personagens que por mais diversos que sejam comungam de um *british way* muito particular. Esse atravessamento familiariza histórias, comportamentos, tipos humanos. Faz com que o mundo seja encarado sob o prisma característico das condições locais. E *secundo*, de uma universalidade à moda do ocidente. Londres é, a um só tempo, muitos lugares e seus dramas, os mesmos de milhões de habitantes. Se, por um lado, há excepcionalidade, por outro, sobra (re)conhecimento. Motivo esse que encanta há séculos leitores de todas as partes do mundo.

Nesse sentido, percorrer as ruas de Londres – cidade *mundi* – é de algum modo folhear as páginas de um livro. Há a todo momento a possibilidade iminente de encontrar pessoas, se deparar com espaços, se perder e se encantar. E de ter sempre a chance de começar um novo capítulo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v.

DEFOE, Daniel. **Moll Flanders**. São Paulo: Abril, 1971.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIOT, T. S. The Wast Land. In: ELIOT, T. S. e BAUDELAIRE, Charles. **Poesia em tempo de prosa**. São Paulo, Editora Iluminuras, 1996.

MACHADO, António de Alcântara. **Pathé-Baby**: Edição fac-similar comemorativa dos 80 anos da Semana de Arte Moderna (1922-2002). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2002.

PEVSNER, Nikolaus. **London I: The Cities of London and Westminster**. Londres, Penguin Books, 1962.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

WEISE, Brooke, Gabriëlle. **Sherlock Holmes**: a character of the city. Analysis of the nineteenth century city in Arthur Conan Doyle's series. Leiden University, 2017. Disponível em <http://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/52402>. Acesso em: 25 setembro 2023.

WILLIAMS, Raymond. **The english novel from Dickens to Lawrence**. London: The Hogarth Press, 1984.

WOOLF, Virgínia. **Cenas Londrinas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

Submetido: 20/03/2024

Aceito: 08/08/2024